

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116

Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2455

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 1926

## DESVENDA-SE O MISTÉRIO!

### O Manicómio Misterioso é uma 'casa de saúde' onde os doentes estão sequestrados e sujeitos a um regime revoltante

Como foi descoberto o «manicómio» — As investigações na rua Pereira Carrilho — A omissão de um apelido — Dois jogadores da Bólsa que nas horas vagas tratam de doidos — Em horas consecutivas doentes cingidos nos coletes de forças — A abnegação de um cavalheiro ou um negócio da China

Está desvendado o mistério! Ao cabo de aturadas investigações caiu em nosso poder o fio da meada desse estranho caso da existência de um manicómio original. As subtilidades do «alienista» com quem falámos na misteriosa casa da rua do Arco do Cego não tiveram o condão de nos despistar. Apesar do cuidado desse cavalheiro em ocultar o seu nome e o nosso repórter conseguiu apurar toda a verdade, por sinal bem triste e comprometedora para um homem que preze o seu carácter.

Inicialmente o caso é mais grave do que julgávamos. Não se trata apenas de um «estabelecimento» em que os loucos estão sujeitos a um monstruoso sequestro e a uma exquísita terapêutica de clisteres para evacuar bem... E' muito mais grave o caso, e tão grave que nossa pena trema em referir-lo, nossa pena vacila em narrá-lo. Mas ocultar nesta emergência a triste verdade deste caso seria tornarmos-nos coniventes na monstruosidade. Consentir por mais tempo que um cavalheiro qualquer explore com a loucura, fria e premeditada, seria praticar um crime perante a nossa consciência! E o crime que jamais nos habilitaria perante o grande público da Batalha.

Por isso o que vai ler-se não tem outro intuito que não seja o de preservar os incautos da «ciência» do «alienista» do Arco do Cego — vamos a escrever: da Boavista — e evitar que esse indivíduo continue abnegadamente esportulando 1.200\$00 por mês a cada louco que mantém em rigorosa incomunicabilidade e sujeito a um regime de cura que seria de um cômico irresistível se não vitimassem os desgraçados que não têm defesa possível.

No nosso primeiro artigo reproduzimos aos leitores, o mais fielmente possível, o diálogo surpreendido pelo nosso «repórter» na rua Pereira Carrilho, junto ao largo do Leão. Como os leitores estão lembrados, duas mulheres discutiam acaloradamente a existência de um manicómio ali próximo, manicomio que, segundo a descrição da interlocutora, se assemelhava a uma penitenciária, com as suas celas e os seus sequestros.

Quando narrámos a conversa do nosso «repórter» com o «alienista» da rua do Arco Cego, os leitores haviam de ter notado que foram chamar aquele indivíduo ao largo do Leão. Logo não poderia ser muito longe deste local o «edifício» do manicómio. E foi por isso que para ali nos dirigimos pela segunda vez.

Os moradores do referido largo continuam a ignorar a morada do sr. Lagos. Logo não conhecemos os do Campo Grande e de São Pedro de Alcântara. Naquela sítio não dá nota da existência do manicómio, por mais que inquirissemos.

O desânimo começava a invadir-nos quando uma ideia luminosa as nossas investigações: inquirir na rua Pereira Carrilho. E foi o que fizemos imediatamente.

Mas nesta artéria o sr. Lagos também não é conhecido. E as informações são o mais desencontradas possíveis:

— Só se é aquele senhor que passa aqui todas as manhãs—segundo uns.

— Talvez seja o que mora no prédio n.º 30, segundo outros.

E sem uma indicação positiva andámos algumas horas por aquelas paragens a sondar o manicómio.

Foi o acaso, o grande protector do repórter, que nos indicou uma pista. E minutos depois, leitos como gazela, dirigimo-nos para o primeiro andar do prédio n.º 42 da rua Pereira Carrilho. Estávamos finalmente no Manicómio Misterioso. Surpresa dos circunstantes e surpresa do repórter.

Quem é o proprietário da estranha casa de saúde

Estava descoberto o manicómio. Agora penetrar ali, se ele estava fechado hermeticamente, não havendo o mais leve vestígio da sua existência. Anunciarmos-nos como clientes era esperteza demasiadamente saloia...

— Não senhor. Pois porisso é que o caso é mais revoltante. Essa casa não tem condições para receber doentes.

— E a guisa de explicação: — Os loucos estão metidos num quarto em rigorosa incomunicabilidade. O quarto é um desses quartos de madeira que estão sempre hermeticamente fechadas. Quem trata desses infelizes é a mulher do «alienista».

— Não tem enfermeiros?

— Não. De quando em vez é que contrata uma pessoa para tomar conta dos doentes. Só para ver se eles têm alguma fúria.

— E médico, não tem?

— O médico é o dr. António Augusto Fernandes. Mas ele só lá vai de mês a mês. As suas indicações poucas vezes são respeitadas. Se esse clínico soubesse como são tratados os doentes há muito tempo que teria voltado as costas aquilo tudo.

Até onde chega a abnegação...

Durante alguns minutos o nosso entrevistado revelou-nos alguns factos importantes que por não cabermos nesta reporta-

gem virão na devida oportunidade. Reatando a sua narrativa, disse-nos:

— Nesse manicómio os doentes estão sequestrados. Não podem receber visitas nem comunicar com pessoa alguma. Quando não têm «guardadores» ficam sosinhos em casa...

— Mas não há perigo?—preguntamos.

— Eu lhe explico. O sr. Frederico e sua mulher são dois jogadores da Bólsa. Poucas vezes estão em casa. E quando saem, para não haver perigo fazem o seguinte: Fecham as janelas interiores—de madeira—que têm um cadeado e enfiam no pobre paciente o colete de forças. Quando regressam tiram o colete ao doente e abrem as janelas de madeira.

— E se os doentes forem acometidos de fúria?

— Que morram! Tem isso alguma importância? O sr. Frederico não se prende com essas coisas. O que ele quer é o 1.200\$00 por mês e o resto são histórias.

— Mas ele diz que faz tudo isso por abnegação?

— A mim é que ele não ousava produzir essa afirmação, porque ele sabe que eu conheço a sua vida e que sei que se não fosse aquele negócio dos doidos ele viveria bastante atrapalhado.

Caiu o pano sobre o último acto deste drama. O espectador que assistiu ao desenrolar da peça ficou convencido de que se trata de um vulgar charlatão que para viver recorre a processos impróprios da nossa civilização.

UM PARENTESE

O que fariam os homens do «Espadim Português» se a monarquia triunfasse...

Cautelosamente vão os reacçãoários formando a conjura liberticida que se vingasse, se triunhassem torvas ambições de absolutismo, arremessaria os habitantes pacíficos deste país a uma existência de homens medievais.

Os sentimentos de liberdade ainda animam a consciência popular, insultando em nós, também, a energia e a coragem necessárias para a resistência contra a invasão dos espectros. Onde a vida se impõe, bela e exuberante, nenhuma tradição mórbida poderá triunfar, nunca um passado que não faça recatar ternas e humanas recordações terá força espiritual para incutir veleidades de regresso—salvo naqueles homens que, possuindo almas de escravos, miseráveis e incharacterísticos, são a vergonha e o horror da humanidade.

Porque amamos a vida em toda a sua beleza e pujança, recatamos ideais de justiça, de fraternidade, de progresso—de liberdade, enfim. Só neste ansio se poderá explicar o vigor e a vibração que manifestamos no ataque a todas as tentativas liberticidas e retrocessivas, ainda que a liberdade e o progresso sejam, apenas, aparências.

Compreenda-se, agora, o interesse que nos anima na pretensão de inutilizar essa organização secreta dos monárquicos que tem a ridícula denominação de *Espadim Português*. Os homens desta organização, que desejariam estupidamente, empurrados por uma insensatez que se torna anormalidade mental bastante perigosa, regressar ao tempo dos bandos de espadachins e malfetores, desta vez com intuitos bem pouco sociais—devem estar muito desmoralizados ante a ofensiva de *A Batalha*, deste jornal que tanto os enervou. E quanto mais avançamos nas nossas revelações, menos poderão contar com a desorientada defesa do *Correio da Manhã*, a não ser que o órgão monárquico do Bairro Alto se sinta bem a defender aqueles que os temeligatórios do moralista Pizarro, há tempos, expulsaram a tiro.

O dia de hoje serve à maravilha para que revelemos um outro ponto do programa do *Espadim Português*. Monárquicos e republicanos comemoram hoje uma data que todos consideram gloriosa. Demasiado se conhece a nossa atitude perante comemorações patrióticas para que seja necessário explicá-las. Nós também nos escusamos a explicar as atitudes de republicanos e monárquicos nas comemorações do primeiro de Dezembro. Acentuemos, porém, se nos é permitido, uma divergência que surpreendemos entre uns e outros: enquanto no dia de hoje, os republicanos evocam a *Independência* de Portugal, os monárquicos festejam a *restauração* de Portugal. Apostamos em como os republicanos não dão por esta diferença...

Os homens do *Espadim Português* é que falharam nos seus intuitos. Emissários da «temível» organização secreta empenham-se em lançar boatos alarmantes, embora verdadeiros nas intenções e nos desejos, entre os republicanos que vigiam — nos cafés...

Pretendiam os boateiros, sob influências que supõem poderosas, preparar o ambiente próprio à tentativa reacçãoária. Reimplantando a monarquia, tão depressa quanto o desejava e proclamava D. José de Barahona, o resto far-se-ia com extrema e rápida sequência.

Ora, hoje, as nossas revelações vêm a público por mero interesse de detalhe. Aos factos que vamos enunciar não nos atrai o menor sentimento, por razões que as nossa ideias facilmente justificam.

O iluminado plano dos conspiradores monárquicos, do qual temos dado vários tópicos, induzia à imediata mudança de «bandeira nacional», se a monarquia triunfasse...

Como seria, pois, a nova bandeira? Azul

### A «Inocência dos Inocências» é a formidável revista do ano que se está representando com grande êxito na capital da Holanda

Diz-se dos personagens estranhos que dão realce à peça, dos quadros maravilhosos, da beleza das coristas, da graça do «compère» e do assombro do público

Hoje é feriado nacional. E os que têm a ventura—ou desventura—de não ir às suas habituais ocupações gozam mais uma hora de sono e dão-se ao inefável prazer de ler na cama o jornal predilecto. *A Batalha* é o jornal predilecto e, neste momento em que se conserva ainda palpitante o julgamento de Marang, que intimamente se prende ao caso célebre e escandaloso da emissão secreta das notas, mais predilecto ainda do que *A Batalha* é para muitos leitores o acontecimento de Haia.

Esperamos hoje aqueles que vêm seguindo com atenção os relatos e as revelações de *A Batalha* frases de sincera indignação, palavras exaltadas. Mas vão encontrar, ao contrário do que esperam, uma prosa serena, como um dia feriado de ripanço nacional.

A graça, o espirito holandeses

O caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal tem muitas e variadas facetas. Tem as cómicas, as trágicas, as dramáticas e as calmas como a face serena de um lago. Hoje, não sabemos porquê, mas talvez por ser feriado, está-nos a pena a fugir para o cômico, embora o assunto em debate seja bem sério. A culpa, porém, não é nossa, a culpa é dos nossos amigos holandeses.

Todos temos a impressão em Portugal de que o povo holandês, devido à alimentação das mantes, das carnes frias e da cerveja, é de espírito pesado e pouco dado a graças. Pois, tal não acontece. Há apenas uma escassa semana que na Holanda se está vivendo com intensidade o caso da emissão das notas tipo «Vasco da Gama» e já está em cena, pronta, acabada, uma peça cômica, no género das nossas revistas do ano, glosando o mote interessante da inocência e dos inocências...

O cenário e os personagens

Ainda não chegaram até nós notícias detalhadas sobre a peça nem sobre a graça do seu autor. Nós, menos graciosos do que os holandeses, mas mais imaginativos devido à influência deste sol meridional que, por pouca sorte, tão esquivo se tem mostrado, estamos vendo daqui a montagem das cenas—mas que cenas!

O cenário do primeiro acto é cubista, isto é, formado por cubos, cubos de ouro reluzente que a fantasia exaltada dos ambiciosos constrói dessa maneira original e moderna.

O *compère* é o juiz Alves Ferreira que, salvo o devido respeito, se desempenha à maravilha do seu papel. O *metteur-en-scène* — advinharam-no? — Inocência Camacho. Mota Gomes desempenha o tradicional papel de virgem enganada; Alves Reis, o génio do mal, feroz, vomitando lume pelos olhos; a José Bandeira coube o papel de cínico; Marang é o *jongleur* mágico que aparece, quando menos se espera, bailando no salão de Haia sobre um tapete famoso de notas Luís de Camões de série e números repetidos.

A decoração do primeiro acto é sóbria mas rica, é toda formada por notas de 500-escudos descredenciadas—as do tipo «Vasco da Gama» que aparece como um tipo deslocado neste mar de notas, ele que só está habituado a navegar sobre «mares nuncas dantes navegados».

O «compère» e as coristas

Toca a música que é o «Hino da Arrentela» adaptado ao estilo holandês. Sonoridades estranhas que têm qualquer coisa de

Um estudo interessante

Diego Abad de Santillan é um escritor revolucionário argentino, cujos trabalhos muito têm sido apreciados pelo operariado de inúmeros países. Ultimamente, publicou um estudo acerca de

A jornada de seis horas

regalia que o operariado começa reivindicando para que não seja vítima da desastrosa falência do capitalismo.

E' esse estudo que *A Batalha* começará a publicar na

próxima quinta-feira

Certos estamos de que os nossos leitores aguardam com interesse o interessante trabalho de

Diego Abad de Santillan

e porisso decidimos iniciar a sua imediata publicação.

Não são necessários grandes encômios para recomendar o notável estudo de Diego Abad de Santillan que *A Batalha* começará a publicar quinta-feira próxima.

Apenas consideramos melhor que se recomende a atenção do operariado para esse estudo intitulado, como já anunciamos

A jornada de seis horas

A' cautela... avisam-se os vizinhos

PARIS, 30.—Foi hoje publicado o relatório do deputado Archambaut sobre o orçamento do ministério das colónias, pelo qual se garante que jamais a França consentirá em ceder a outras potências a mínima parcela dos seus domínios ultramarinos.

No mesmo relatório pede-se que todas as colónias tenham representação no parlamento.—(L.)

gazoso, de imaterial, e um perfume exótico, inesperado invade toda a sala. E' uma surpresa da peça. Ouve-se murmurar pelos cantos: «Cheira a António Maria da Silva». Isto é murmurado em holandês—claro!

Alves Ferreira, o *compère*, cofando o alvinitente bigode, que a caracterização futurista exagerou na alvura e no tamanho, avança—o passo cauteloso—até à boca da scena e canta um monólogo delicioso, intitulado—*A Nota Oficiosa*.

Cantou, cantou até enrouquecer. Mas a pensar de tudo todos lhe acharam graça e, fechando os olhos à avançada idade do artista, bateram palmas amistosas.

Segue-se o primeiro câto. As coristas são apetitosas, as pernas tortas e com manchas silfilíticas que, felizmente, as meias do «patriotismo», da «honorabilidade», do «crédito nacional» ocultam sob um brilho sensual.

Os espectadores conhecem-nas à légua —são a *Imprensa*. E jocosos, os mais atirados, apontando a dedo as meninas do câto, gritam alegremente:

— Adeus ó menina *Século*!

— Bem te conheço, ó *Notícias*!

Uma virgem de sessenta

— Tenho a honra de apresentar ao respeitável público—grita o incansável *compère*—a menina *Inocência*, virgem aos sessenta anos de idade!

Há na plateia um murmúrio de assombro. E a donzela, bastante pintada, —uma donzela espécie de papel pintado como as notas do Banco de Portugal— faz ante o público respeitável várias habilidades, que o deixam atrevido.

Ela faz vibrar todas as cordas do sentimento e a maneira como jura pela sua virgindade intangível provoca lágrimas dos olhos mais secos. *Honorabilidade*, *Boa Fama*, *Inocência Indiscreta* são as árias que ela canta numa voz plangente, comovedora.

O público, perante aquela velha candidez, julga-a invulnerável. E o *compère* jurou, em verso branco, que nem o mais «pintado de quinhentas» seria capaz de conquistá-la, a intangível inocência.

De súbito o quadro muda. E' tétrico, medonho. Ouvem-se ruídos infernais e de um alçapão surge o demónio, Alves Reis, que a arrebatada nos braços cabeludos e logi numa confusão de notas musicais e notas de 1.000 escudos e desaparece por uma porta que ostenta no topo em grandes letras: *Hotel Claridge*.

O imoral da peça

A peça, cujo vago enunciado acabamos de dar, hoje dia de festa e propício às belas fantasias, tem mais quadros, muitos mais. Um acto é passado em Angola, onde o demónio triunfa e passa entre acaloradas, banquetes e abraços do *Alto Comissário*, personagem fugidivo, que traz como certos sujeitos pelo Entrudo um grande rabo de papel selado que diz em holandês que traduzimos: *Contratos de Financiamento*. Mas como o espaço não abunda para facécias e a nossa disposição não dá hoje margem para críticas, ficamos por aqui, nesta descrição breve, deixando aos leitores inteligentes o trabalho, aliás bem fácil, de extrair da revista a sua moralidade. Com um pouco de trabalho, talvez não encontrem a moral da peça—mas encontrar-lhe o imoral que é, como se sabe, o mais engraçado em quasi todas as revistas.

Um estudo interessante

Diego Abad de Santillan é um escritor revolucionário argentino, cujos trabalhos muito têm sido apreciados pelo operariado de inúmeros países. Ultimamente, publicou um estudo acerca de

A jornada de seis horas

regalia que o operariado começa reivindicando para que não seja vítima da desastrosa falência do capitalismo.

E' esse estudo que *A Batalha* começará a publicar na

próxima quinta-feira

Certos estamos de que os nossos leitores aguardam com interesse o interessante trabalho de

Diego Abad de Santillan

e porisso decidimos iniciar a sua imediata publicação.

Não são necessários grandes encômios para recomendar o notável estudo de Diego Abad de Santillan que *A Batalha* começará a publicar quinta-feira próxima.

Apenas consideramos melhor que se recomende a atenção do operariado para esse estudo intitulado, como já anunciamos

A jornada de seis horas

A' cautela... avisam-se os vizinhos

PARIS, 30.—Foi hoje publicado o relatório do deputado Archambaut sobre o orçamento do ministério das colónias, pelo qual se garante que jamais a França consentirá em ceder a outras potências a mínima parcela dos seus domínios ultramarinos.

No mesmo relatório pede-se que todas as colónias tenham representação no parlamento.—(L.)

Um protesto

BERLIN, 30.—Os soviets protestaram junto do governo desta cidade contra pretensões tentativas alemãs da separação da Ucrânia.

O governo alemão respondeu ser-lhe impossível intervir nos assuntos particulares dos cidadãos alemães.

O protesto deve referir-se à casa Krupp que obteve da Ucrânia a concessão de vastíssimos territórios onde constituirá uma fábrica de armas.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

## O passado e o presente

Comemora-se hoje com as solenidades oficiais do costume a data do 1.º de Dezembro. Oradores mais ou menos entusiastas, jornais mais ou menos sinceros, vão cantar em arroubos de oratória e floreios de pena a revolta de 1640 contra o domínio da Espanha. Os heróis da época vão ser recordados com emoção e os patriotas vão vibrar de entusiasmo pensando que sem a rebeldia dos conjurados e a fé do povo não seria possível a região portuguesa gozar daquela relativa independência que lhe dá um idioma e uns hábitos que a distinguem da nação vizinha opressora dos nossos avós.

Movimentos de libertação como o de 1640 são sempre simpáticos. E talvez nos sejam mais simpáticos a nós, revolucionários que integramos na nossa época abraçamos ideais mais altos e não perdemos tempo em comemorações de um passado distante, do que a muitos dos patriotas que, saudando os libertadores do povo português de 1640, se empenham denodadamente em escravizá-lo agora tanto ou mais do que os reis de Castela noutros tempos.

Os que em 1640 conspiraram e lutaram por um ideal estão mais belos e humanos estão para a sua época como os revolucionários de hoje, que lutam contra os opressores de agora (que, longe de virem de além fronteiras, nascem e engordam cá dentro), estão para a nossa época.

Se em vez de empregar o tempo lançando foguetes para comemorar factos remotos, de que a distância e as actuais condições sociais já fizeram perder a sua significação, se atentasse melhor nas condições de vassalagem e de escravidão em que o povo se encontra perante os potentados financeiros e comerciais, perante a classe capitalista opressora, talvez melhores benefícios resultassem para a colectividade.

E' preciso fazer um 1640, mas muito mais lato, com objectivos muito mais vastos. Os inimigos do povo já não são um Miguel de Vasconcelos nem um rei de Castela—são muitos e melhor defendidos pelos códigos, pela força, pela corrupção.

E como pensamos mais na libertação social do povo, do proletariado, do que nos factos históricos que nada já adiantam, abtemo-nos de colaborar em comemorações insípidas e preparamo-nos para o nosso 1640.

## Notas & Comentários

Júlio Diniz

Inaugura-se amanhã no Porto um monumento a Júlio Diniz. A consagração da obra preferíamos a consagração do povo. Mas este não sabe ter numa percentagem de setenta por cento e a sua parte ledora não tem dinheiro para a adquirir as obras cujo custo é pouco acessível às bólsas dos não ricos.

Júlio Diniz foi dos raros que em português escreveu novelas que não envelheceram ainda e conservam um perfume de paisagem e um enlevo de sentimento que são suas principais qualidades. Não sendo um estilista sua prosa é amena, tem poder evocador e, sobretudo, naturalidade. Porque Júlio Diniz foi um naturalista, embora nos seus livros a realidade seja atenuada, leve e discreta como as tintas da aguarela.

O sólo e o relaxamento

Decretou-se obrigatoriamente a aposição na correspondência enviada ontem e hoje do sólo da Independência.

Deu-se, porém, a circunstância curiosíssima de ontem não terem aparecido, nem mesmo nas estações postais, o referido sólo.

Não criticamos o relaxamento—porque ele está abaixo de toda a crítica, nem nos cabe zelar o oneroso imposto sobre a correspondência de que nos últimos tempos tanto se tem abusado. Desejamos apenas saber se serão mudadas as cartas por falta do sólo que não apareceu à venda. Se tal se cometer o relaxamento motiva uma inquéta e revoltante exploração.

Uma nomeação em princípio

PARIS, 30.—O conselho de ministros aprovou, em princípio, a nomeação do sr. Claudel para embaixador em Washington, que seria substituído em Tokio pelo sr. De Bille, actualmente ministro da França em Bucarest.—(L.)

Unificar, sim... direito à greve, não!

PARIS, 30.—No decurso do debate sobre o orçamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o sr. Poincaré declarou reconhecer aos funcionários públicos o direito de se sindicarem, mas não o direito de greve.—(L.)



**TEATRO NACIONAL**

**HOJE**  
Telef. N. 3049

**COMPANHIA**  
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

Às 21 horas: — A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand

**O HOMEM**

**E OS SEUS FANTASMAS**

Formidável trabalho de

**Alves da Cunha**  
e  
**Adelina Abranches**

## Luta de classes

### Horário de trabalho no comércio

A brigada de fiscalização ao horário de trabalho no comércio tem nestes últimos dias desenvolvido uma grande actividade, mercê da qual a maioria dos estabelecimentos encerram as horas regulamentares.

No entanto as referidas brigadas vão intensificar a sua acção para que o encerramento seja geral.

### Uma grande sessão dos Empregados no Comércio

Efectuou-se ontem mais uma sessão de propaganda associativa e de esclarecimento ao rigoroso cumprimento do horário de trabalho. A sessão foi promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa e realizou-se na Associação dos Empregados de Hotéis e Restaurantes, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, ao Bairro Alto.

Presidiu Jorge Campelo, secretário do Alípio Nogueira e José Pinheiro. O presidente em breves palavras expôs os motivos destas sessões e dá em seguida a palavra a Adelino de Sousa.

Este camarada, que produziu uma brilhante oração, refere-se em termos contundentes à representação da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, considerando-a uma ignominia.

Diz que os militantes do Sindicato não veem a estas sessões com o espírito de arranjar mais sócios, mas sim com a vontade de criar uma consciência colectiva capaz de fazer impor uma classe que tem sido a mais espezinhada de todas as classes trabalhadoras.

Segue-se no uso da palavra António Alves, que se refere à acção exaustiva dispendida pelos camaradas que se encontram à frente do Sindicato. Ataca também a Associação dos Retalhistas pela sua pretensão de querer que os seus empregados estejam nos estabelecimentos até às 21 horas. Critica o uso desumano das carroças de mão e discorda da última postura da Câmara Municipal de Lisboa sobre o assunto. Faz um apelo aos empregados no comércio presentes para que ajudem o seu organismo profissional ingressando nele e dando-lhe a vitalidade necessária, para que ele se possa desempenhar cabalmente da sua missão.

João Pereira aborda com rara felicidade a postura da Câmara Municipal, fazendo o paralelo das considerações da moção sobre a regulamentação do uso das carroças de mão e as suas conclusões, considerando-as antagónicas. Diz que o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria tem sobre si uma enorme responsabilidade, se consentir na derrogação do horário de trabalho na classe, que se irá reflectir imediatamente em todas as classes trabalhadoras.

Chama por isso a atenção dos delegados do Sindicato à Câmara Sindical do Trabalho para que a restante organização operária se ponha alerta secundando a actividade dos empregados no comércio.

Faz uma feliz imagem da sociedade capitalista, a qual arranca grandes aplausos da numerosa assistência. Depois faz uma exortação a todos os empregados no comércio e em especial à mocidade para que prossigam a obra maravilhosa dos propagadores de ideias novas para o consequimento de uma sociedade modelar.

Abraço. Coimbra refere-se à fiscalização efectuada pelos fiscais do Sindicato e constata que o horário de trabalho em Lisboa é hoje já um facto em grande parte da cidade devido à acção profícua do Sindicato. Lamenta a pouca consciência da classe que é mais renitente em cumprir o horário do que propriamente o patronato.

Trata também em seguida da uniformidade do descanso semanal em Lisboa.

Mário Pinto ataca também aquela parte da classe que atraição constantemente as regalias da classe e o esforço dos seus militantes.

Defende com calor as 8 horas de trabalho justificando com larga cópia de argumentos a sua defesa.

Faz ver a grande necessidade de a classe tem de se unificar como um só homem para assim conseguir impor as suas reivindicações.

Manuel de Figueiredo faz uma larga descrição da vida dos animais para demonstrar que a solidariedade que eles mantêm entre si também é possível entre os homens, desde que eles queiram, e por isso apela para que todos ponham de parte todas as ideias políticas ou filosóficas que os animem, para defenderem os interesses comuns a todos os trabalhadores.

Jorge Campelo, que faz considerações de carácter filosófico, lê em seguida a moção do Sindicato que é aprovada por aclamação.

### Escola Profissional de Enfermagem

As inspecções médicas dos candidatos à matrícula do 1.º ano devem realizar-se no edifício da Escola, rua 20 de Abril, às 10 horas do dia 4 de Dezembro para os candidatos do sexo feminino, e à mesma hora do dia 7 para os do sexo masculino. A abertura das aulas realiza-se no dia 15 de Dezembro.

### As finanças são poucas

RIGA, 30.—Segundo se afirma nesta cidade, Boukharine teria advertido os delegados estrangeiros à conferência executiva da terceira internacional de que o estado das finanças russas apenas permite manter dois focos revolucionários: a greve britânica e a revolução chinesa. — L

**TEATRO SALÃO FOZ**

Matinée às 3 h. Soirée às 8,45 h.

Estreia dos notáveis duetistas a grande voz

**Marty et Riant**

Um dos maiores êxitos do Petit Casino de Paris, onde estavam actuando

Trechos de ópera e ópera cómica

A gentil bailarina completista

**FABIOLA**

que hoje canta em português o couplet «Estes rapazes», letra de Pedro Bandeira, música de Raúl Ferrão

NO ECRAŊ:

Maria Jacobini no film LABIOS CERRADOS — 6 partes.

Concerto pela FOZ MELODY BAND

## Notas várias da Lisboa triste

### Agridido à paulada

Na Sala de Observações do Hospital de São José deu entrada, sem fala, Manuel Garcez, 26 anos, trabalhador, da Figueira da Foz, que próximo de Torres Vedras se envolveu em desordem, resultando ter ficado ferido à paulada na cabeça e rosto.

### Atropelado por um automóvel

Faleceu na Sala de Observações do Hospital de São José, momentos depois de ali dar entrada, Suzete da Silva, 7 anos, residente na calçada do Poço dos Mouros, 13, 1.º, que na rua Morais Soares foi atropelada por um automóvel, ficando com o crânio fracturado pela base. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária.

### Com a perna esquerda esmagada

No Banco do Hospital de São José foi operada Clara Barata, 23 anos, costureira, moradora na rua de Santo António da Glória, 14, 1.º, que, quando subia para um carro eléctrico, na avenida da República, caiu sendo atropelada por um outro que seguia atrelado àquele, ficando com a perna esquerda esmagada.

### Um menor atropelado

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José deu entrada, em estado grave, António Salgueiro, de 14 anos, surdo-mudo, residente na Rua de São Caetano, 41, ric., que, na rua 24 de Julho, foi atropelado pelo automóvel S 5361 cujo «chauffeur» foi preso. O pequeno apresenta contusões no ventre.

### Colhido por uma máquina

Na Sala de Observações do Hospital de São José, faleceu ontem, Raúl dos Santos Rodrigues, de 21 anos, aquele limpador da C. P. que, na madrugada de anteontem foi colhido por uma máquina na estação de Campolide, e que residia na rua da Fé, 26, 2.º. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária.

### O prémio da abnegação

Continua na Sala de Observações do Hospital de São José onde ontem foi operado pelos Drs. Luís Adão, Américo Durão e J. Picoto, o bombeiro-«chauffeur», 287, José Rosa, ferido quando na madrugada de ontem, seguiu no auto pronto-socorro do quartel municipal, 11, para um incêndio em Campolide foi chocar na mesma rua com um carro. O seu estado é satisfatório.

### Automobilismo perigoso

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e seguiu para casa, Joaquim Gonçalves, de 25 anos, natural de Lisboa, carpinteiro, residente em Alverca e que, na Avenida da Liberdade, foi atropelado por um automóvel, ficando contuso nas pernas.

### Queda mortal

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, faleceu ontem à tarde, Simão da Silva Rivas, de 54 anos, natural da Guarda, sapateiro, e que, no dia 26 último, apareceu caído na escada da residência, rua da Quintinha, 62, 3.º. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária.

### A bordo de um barco

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha do Seixal, recolheu à enfermaria de S. Fernando, do Hospital do Desterro, Francisco Roque Paulino, de 15 anos, marítimo, residente naquela vila, e que caiu de um mastro a bordo de um barco ali fundado, ficando muito contuso pelo corpo.

### Uma queda à bordo

A Sala de Observações do Hospital de S. José, recolheu José de Castro Junior, de 22 anos, estivador, residente na rua dos Remédios, 135, 2.º, que caiu a bordo do vapor inglês «Hubert» fundado na Rocha do Conde d'Obidos, ficando contuso no ventre.

### Cavaleiro infeliz

Na mesma sala deu entrada Floriano Martins Pais, de 20 anos, cocheiro, natural de Sever do Vouga e residente no Campo Grande, 213, que caiu de um cavalo, fracturando a clavícula esquerda.

### A propósito de uma nota

Escreve-nos o operário Jaime Tiago, militante no Sindicato dos Litógrafos, com o fim de esclarecer uma nota do Conselho da Federação do Livro e do Jornal, publicada em A Batalha, número de 28 do mês findo.

O signatário declara-nos que não representava no referido Conselho o seu Sindicato, mas o Conselho Inter-federado do Norte. Nega ainda que tenha faltado ao Conselho da F. L. J. e a trabalhos de que tenha sido incumbido. Do mesmo conselho deixou de fazer parte logo que explicou ao organismo que representava os motivos do seu afastamento, os quais se baseavam na sua discordância com vários delegados ao Conselho Federal.

Outras considerações faz Jaime Tiago na sua carta, mas dispensamo-las de publicar, não só por não terem cabimento nestas colunas, como por tencionar, segundo informamos, levá-las a debate no Sindicato a que pertence.

### O rescaldo da conspiração catalã

PARIS, 30.—O juiz instrutor do processo relativo aos maneios dos separatistas catalães interrogou o ex-coronel Macia, que confessou ter organizado a revolta com elementos espanhóis e italianos, e o concurso de Riccio Garibaldi.

**TIVOLI**

Telefone N. 5474

ÀS 21 HORAS

**O NAVEGANTE**

Super-film burlesco com

**Buster Keaton (Pamplinas)**

**A Noite da Desforra**

— VENETTA —

Drama rústico com Léon Mathot, Charles Vanel, Sylvio de Pedrelli e Simone Vaudry

UMA CINÉ-FARÇA

REVISTA DE ACTUALIDADES

ÀMANHÃ:

Matinée às 3 horas

## O estrangeiro através do telégrafo

### A questão do desarmamento e a Inglaterra

GENEVA, 30.—«Lord Cecil, que representa a Grã-Bretanha na sub-comissão do desarmamento, declarou aos jornalistas que a comissão preparatória da respectiva Conferência deve ter em março concluídos os projectos de princípios para submeter aos governos que participam da mesma Conferência. O mesmo «lord» duvida que esta se possa reunir antes dum ano, visto exigir uma cuidadosa preparação, e declarou que o seu governo tem seguido atentamente os trabalhos das várias comissões de desarmamento, estando convencido de que é praticável um efectivo acordo de desarmamento. — (L.)

### Prevê-se o resultado

GENEVA, 30.—Os peritos, consultados pela comissão preparatória da Conferência do Desarmamento, declaram ser impossível impedir dum forma geral, ou limitar, o fabrico de gases tóxicos, em virtude de constituírem produtos correntes das indústrias químicas. — (L.)

### Esquadrilhas... a mais

LONDRES, 30.—As forças aéreas do Irak vão ser reduzidas de oito a sete esquadrilhas, em virtude da melhoria da situação daquele país. Será suprimida a esquadrilha n.º 1, estacionada em Hinaide, devendo ser reconstituída como unidade de defesa continental no próximo ano. — (L.)

### As dívidas... é outra coisa

PARIS, 30.—Fala-se muito no nome do sr. Claudel para embaixador em Washington, estando deliberado que o novo representante francês não terá de se ocupar do problema das dívidas, que serão directamente discutidas pelos dois governos. — (L.)

### Contas adiantadas...

LONDRES, 30.—O sr. Chamberlain estará em Paris na próxima quinta-feira. Os círculos oficiais consideram assegurado o acordo entre os gabinetes francês e inglês acerca da questão do desarmamento da Alemanha. — (L.)

## A BATALHA na provincia e arredores

### Foz do Douro

#### «Moralistas» que reclamam a cadeia e não pedem escolas

FOZ DO DOURO, 28.—Queixam-se os moradores da rua Central, por intermédio da imprensa, ao comissário de polícia do Porto, contra a «garotada» que naquela rua passa os ócios entreteendo-se em brincadeiras próprias da sua idade e do estado decadente da sociedade actual. E dizem que é necessário policiar aquela artéria para «por còbro a tantos desmandos».

Achamos interessante, levando o caso a brincar, que os pais venham pedir a cadeia para os filhos, lá porque os rapazes brincam. Mas, vistas as coisas seriamente, compreendemos que quem reclama e protesta é meia dúzia de felizardos que não têm filhos ou, então, possuem bons jardins e quintais em que eles passam o tempo que resta da escola, e não a maioria dos que lá habitam, cujos filhos se juntam, levantando grande algazarra, principalmente à tardinha.

Também nós não gostamos dos «palavões», nem das pedradas e muito menos da mania futebólica, coisas estas que são consequências do que praticam os adultos e que as crianças copiam fielmente, mas, apesar disso, não deixamos de protestar contra aqueles que clamam a polícia para terminar com tudo isto.

E' que não é com chanfalhadas que os rapazes compreendem a novidade dos seus brinquedos de hoje, mas sim com uma educação social que deve estender-se também aos grandes para que não dêem fracos exemplos aos pequenitos. Pegam escolas e não tribunais, senhores «moralistas» da última hora. — C.

### Secção telegráfica

#### C. G. T.

Faustino Ferreira.—Para regularização das actas, é conveniente a tua comparença hoje na sede, até às 21 horas.

União dos Sindicatos de Faro.—Recebemos postal. Seguem os livros.

ALIMENTAÇÃO

Sindicato dos Manipuladores de Pão de Santarém.—Acusem recepção de expediente.

Sindicato dos Confeiteiros e Artes Correlativas do Porto.—Acusamos recepção ofício, e carta Rocha; breve envio resultado aos delegados. Recebemos letra, que vai ser entregue ao destinatário.

Manipuladores de Pão de Braga.—Recebemos ofício, lamentando resolução.

Refinadores de Açúcar de Lisboa.—Requisitem expediente; mandem credenciais aos delegados.

Manipuladores de Pão de Coimbra e Porto.—E' urgente a nomeação de delegados.

## TEATROS

### Amanhã «As Fogueiras de São João» no Trindade

Abre hoje a bilheteira do Trindade para o primeiro espectáculo da segunda série de representações neste teatro da grande companhia Lucília Simões-Erico Braga, que deste modo recentra em Lisboa, não só com o seu enorme prestígio, como também a maior solenidade, como é costume. Esse acontecimento teatral, que será o mais notável desta semana, realiza-se amanhã, com um espectáculo sensacionalíssimo, primeira representação neste teatro da emocionante e célebre peça, em 4 actos, de Herman Sudermann, «As Fogueiras de São João», tradução de Acúrcio Pereira e António Pinheiro, na qual Lucília Simões tem a sua maior criação no papel de «Mariza» e Amélia Pereira e Erico Braga duas interpretações de grande relevo artístico, entrando mais no desempenho Maria Santos, Seixas Pereira, Irene Isidro, Júlia Silva, Conde e Líbia de Almeida. Os preços para estes espectáculos continuam sendo os mais baratos de Lisboa e nos intervalos realizará os seus notáveis concertos de arte a exímia pianista francesa Ivone Gilibert Lambert, executando programas dos grandes mestres e consagrados compositores.

### Estreia de Marty et Riant no Foz

Marty et Riant, os duetistas que hoje se estreiam no Foz, chegaram ontem no «Sud» vindos de Paris, onde estavam actuando no Petit Casino, são duas celebridades que ali obtiveram os mais calorosos aplausos. Madame Riant, soprano dramático e Mr. Marty, tenor, incluem no seu repertório trechos de ópera e ópera cómica que cantam a duo e separadamente.

Fabiola, cantará hoje em português o número «Estes rapazes», expressamente escrito para ela por Pedro Bandeira com a música de Raúl Ferrão.

### A «matinée» de hoje com os bailes russos e a «Bala Humana» no Coliseu dos Recreios

Hoje, dia feriado, realiza-se no Coliseu dos Recreios uma grandiosa «matinée», com entrada gratuita às crianças, figurando no programa a grande companhia de circo, com todas as suas atrações, entre as quais a Bala Humana e a companhia de bailes russos Sascha Morgova, que dará em Lisboa uma curtiíssima série de espectáculos. Tanto nesta «matinée» como no espectáculo nocturno também tomam parte os ursos comediantes de Mr. Koniot, o equilibrista ébrio Aerós, a escultural «ecuyère» Miss Mariette, os aplaudidos clowns irmãos Albano e irmãos Diaz e todos os restantes números que estão em pleno agraço naquele circo.

Amanhã realizam-se mais dois espectáculos, um em «matinée» e outro à noite.

### A popularíssima «Mouraria» — no Apolo

«Mouraria» é já uma peça consagrada. Está já na alma do público. Vive na recordação dos que tiveram a dita de a ter visto no Apolo. E' agora o anseio dos que ainda não a viram e aspiram legitimamente por vê-la. «Mouraria» é o triunfo da Companhia Almeida Cruz. «Mouraria» é a peça querida, que cheia de graça, de sentimento, de ternura, é primorosamente interpretada por Adalina Fernandes, Mari-Laura, Margarida, Ferreira, Almeida Cruz, Alvaro Pereira, Artur Rodrigues, Holbeche e Raposo.

### «Era uma vez uma menina» — no Variedades

Está o encantador teatrinho do Parque Mayer — o Variedades — em plena auge de simpatia, de concorrência e de réclame por toda a Lisboa. Já ninguém ignora que é ali que se faz magnífica comédia em sessões pela Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, assim como é já sabido de toda a gente que as suas sessões, são às 20,30 e 22,30 horas, terminando a última às 24,30. «Era uma vez uma menina...», tem como principal intérprete a actrizinha de 15 anos, Maria Helena, ao lado de Maria Matos, Maria Lagoa, Santos Melo, António Palma, José Gamboa, Joaquim Miranda e João Lopes.

### No Eden, a única revista: «Cabaz de Morangos»

Hoje, dia de feriado, o público que prefere os espectáculos por sessões e que muito aprecia as revistas, só tem, no Eden-Teatro, os seus espectáculos predilectos. São eles constituídos pela revista «Cabaz de Morangos», que já se celebrou contando cerca de 200 representações, batendo o «record» das enchenches num teatro vastíssimo. A revista «Cabaz de Morangos», que apresenta novos intérpretes, alguns dos seus aplaudidíssimos números, continua tendo repetidos a canção do «Dia da Espiga», por Declina de Macedo, «O Fado dos Rambois», por Elisa Carreira e Alfredo Henriques, «As alfaias», por Rosalina Sayal e Arminda Martins.

### Declararam-se em greve os electricistas de Melbourne

MELBOURNE, 30.—Declararam-se em greve alguns milhares de empregados dos serviços de electricidade, exigindo a semana de 44 horas.

## INSTRUÇÃO

### Escola de Ensino Livre do Alto da Pinz

Para tratar de um assunto muito urgente reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão escolar.

### Universidade de Lisboa

São convidados os alunos de todas as Faculdades desta Universidade a comparecer na Secretaria Geral até ao próximo dia 6 do corrente, a fim de legalisarem as suas inscrições no presente ano lectivo.

### As 8 horas de trabalho na Alemanha

BERLIN, 30.—O Reichstag aprovou a lei relativa ao dia de trabalho de oito horas, e a lei proibindo as publicações e representações pornográficas.

## AGREMIACÕES VÁRIAS

### Federação Municipal Socialista

Tendo reunido o Secretariado Municipal, resolveu iniciar uma série de sessões de propaganda, que se devem realizar brevemente nos seus núcleos, centros e comissões paroquiais federadas, a fim de protestar contra a carestia da vida, para o que serão convidados diversos oradores do partido.

Tratou ainda da próxima organização do recenseamento político em harmonia com a actual lei eleitoral ainda não revogada.

## Teatro da Trindade

TELEF. N. 976

ÀMANHÃ, Quinta-feira, 2 de dezembro

REAPARIÇÃO DA COMPANHIA

Lucília Simões-Erico Braga

com a peça em 4 actos, de Sudermann, trad. de António Pinheiro e Acúrcio Pereira

**As Fogueiras de São João**

Assombrosa criação da notabilíssima actriz-empresária

**LUCILIA SIMÕES**

Nos intervalos: — Concerto pela pianista francesa YVONE LAMBERT

Venda de bilhetes sem locação. — Pauteuils (toda a plateia) e balcões de 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º; Camarotes, 4000, 5000 e 20000.

O mais barato e melhor espectáculo da actualidade

## As novas taxas de licenças camarárias

As taxas e sobre-taxas estabelecidas pelas Posturas Municipais acabam de ser re-fundidas e actualizadas numa só taxa. Assim os cães de luxo passam a pagar por ano 50\$00; os de caça, 30\$00 e os de guarda, 10\$00. O gado caprino pagará por ano e cabeça 10\$00. Os vendedores ambulantes pagarão por mês as seguintes taxas: quando exercem o seu negócio com fardo, 9\$00; quando por meio de cavalcadura, 10\$00; em carro de mão, 13\$50; e em carroça, 15\$.

A inscrição para construtores civis custará 100\$00; para cavaleiros e amazonas, 40\$; para soltas, 10\$00; para moços de fretes, 5\$; para chauffeurs, amadores, 50\$00; para profissionais, 40\$00; para motociclistas com «sid-car», amadores, 30\$00; profissionais, 30\$00; motociclistas, 40\$00; velocipedistas, 10\$00. Para exercício de velocipedia, cada velocipede, 40\$00.

As licenças para tractores ou máquinas agrícolas, custam, para cada uma que transite na via pública e por 24 horas, 20\$00. Quanto a licenças para estabelecimentos as licenças são da seguinte importância: rendas até 50\$00, 12 1/2%; de 50\$00 a 250\$00, 14 1/2%; de 250\$00 a 1.000\$00, 16 1/2%; de 1.000\$00 a 5.000\$00, 20 1/2%.

Para estacionamento de carros e carroças junto a estabelecimentos passa a ser de 50\$00. As licenças para associações ou clubes de recreio ficam assim estabelecidas: rendas até 250\$00, 30 1/2%; de 250\$00 a 500\$, 36 1/2%; de 500\$00 a 1.000\$00, 39 1/2%; e superiores a esta quantia, 100%. Uma zorra que transite na via pública pagará por dia, 100\$. As vistorias feitas pela Câmara custam: para obtenção de licenças de habitação, 25\$00; por efeitos da lei de inquilinato, 45\$00; para efeitos de pintura de prédios, etc., 30\$00 e não especificadas, 45\$00.

## Ecos do desastre de Alhos Vedros

No próximo dia 8, pelas 13 horas, terá lugar no Tribunal de Desastres no Trabalho, rua da Boa Vista, 9, 1.º, uma nova tentativa de conciliação entre os industriais corticeiros Manuel Martins Pinto Junior e Elias M. Gameiro, Companhia de Seguros «Lew» e os operários de ambos os sexos, Madalena Filipa, Elvira da Conceição, João da Silva, Teófilo, Tomás da Costa, Francisco Peres, Amílcar Osório da Silva, António Gonçalves, Augusto da Fonseca, Morais, Francisco, Frederico, Mariana dos Santos Cordeiro, Rosa Luísa, José da Costa Custódio, Palmira de Jesus Delgado, António dos Santos Fátia e José Joaquim David.

Este último deve informar o seu delegado de quanto foi a sua fêria, uma semana antes do desastre.

## Purgações e Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigos ou recentes, curam-se sempre.

## OS QUE MORREM

### António Gonçalves

Faleceu ontem o sr. António Gonçalves, pintor da construção civil, cunhado dos srs. António Fernandes e Francisco Fernandes, tipógrafos do nosso colega Diário da Tarde e Sport Lisboa. Deixa viúva e dois filhos menores.

O funeral realiza-se hoje às 14 horas, da Vila Berta, M, 2.º, E. (à Graça) para o cemitério oriental.

### ACABA DE SAIR: A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, ácobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 33-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

### LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 33 desta revista intitulada El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de A Batalha.

### TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4355

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e agraço, o género da comédia musical

O monumental «vaudeville»

**O Dr. da Mula Ruça**

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retirozinhos, 125 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

### “Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retirozinhos,



MARCO POSTAL

—Aguardamos notícias vossas. —Gaz.— Manuel Margarida.—Foi suspensa a remessa por falta de pagamento. —Chai-Chai.—Antônio Rodrigues Santos.—Suspendemos o jornal por ter sido devolvido o recibo à cobrança.

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid, cheque		2998
Paris, cheque		573
Suica, cheque		5578,5
Bruxelas, cheque		2874
New-York, cheque		19564
Amsterdã, cheque		7584
Idália, cheque		384
Brasil, cheque		2540
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.  
São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.  
Gimnástico.—A's 21,30.—A Petisa do Gato.  
Politeama.—A's 21.—O idílio do 5.º andar.  
Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria.  
Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.  
Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—Era uma vez uma menina.  
Joaquim de Almeida.—A's 20,30 e 22,30.—Variedades.  
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.  
Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades.  
Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Fivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcantara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine-Expectança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

FABRICA  
cladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
GOARMON & C.  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prêmios maiores... 4.000.000\$00  
1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cautelares a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116  
LISBOA

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5019, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço: avulso de 50. Aos assinados que desejem adquirir quantidade far-se-á um abono de 50 por cento em 50 folhetos.

Pedidos a administração de A BATALHA

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 324,1  
Sapatos em varal... 384,1  
Botas pretas (grande salto)... 483,3  
Botas brancas (salto)... 483,3  
Grande salto de botas pretas... 483,3  
Botas de couro para homem... 483,3

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a outra casa.  
Vendem, pois, lá a mesma coisa barata.  
A Social Operaria é a casa dos Calçadistas, com Filial na memaria, n.º 45.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98  
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Nacacio—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.  
Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.  
Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff—2 horas.  
Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira—12 horas.  
Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—3 a 4 horas.  
Doenças dasenhornas.—Dr. Enfilio Palma—2 horas.  
Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mano—12 horas.  
Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma—3 horas.  
Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo—4 horas.  
Rins X.—Dr. Alen Saldanha—4 horas.  
Análises.—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de peles para senhora, todas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus  
TELEF. N. 3091

NAO SOFRAM MAIS!



—Use HERPETOL para as —

(=) doenças da pele (=)

Uma gota deste medicamento acalman e fazem por completo desaparecer a comichão.  
O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA NA PELE e ORDEDES DE INSECTOS.  
Instantes depois da aplicação, o doente vê com regozijo sintomas de restabelecimento.  
A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco é o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde: Caixa 15\$00.  
Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA  
R. da Escola Politécnica 15 e 18  
LISBOA

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha.

NAO COMPREM LIMAS OU GROSAS

sem consultar  
a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda  
Sede em VIEIRA DE LEIRIA  
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras.  
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa  
Travessa do Fala 56, 9-B  
TELEF. N. 3415

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a sua família, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSALIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95  
LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

DOENÇA E INVALIDEZ



FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos afeito e forros por 120\$00.—ALFAIATARIA DIAS, 84, rua Di. Pedro V, 86.

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira,—na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5%.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima; 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues; 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke; 6\$00.

A venda nas livrarias e administração de A Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO	Jorge Teixeira, Gatosos de Luva Branca—A Escamalia (peças de teatro)	2550
Abel Batello—Amor e Vida	Juliano Quintilha	8500
Alexandre Herclunha	Vinhos do Mar	8500
Lendas e Narrativas (2 volumes)	Cavalgada do Sonho	8500
Cartas (2 volumes)	Terras de Fogo	8500
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.)	Dor vitoriosa (novela)	825
Adolfo Lima	Laisant—Iniciação matemática	5500
Contracto do Trabalho	Malvert—Ciência e Religião	16500
Educação e ensino	Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela)	825
O ensino da história	Anastácio José (idem)	825
Aquino Ribeiro	Manuel Ribeiro	825
Anatole France	Poder redentor (novela)	4500
Enxada de São Tiago	Nebeau—O Jardim dos Suplícios	15500
Jardim das Tormentas	Memórias de Angola Pinto	325
Via Sinuosa	Sangue Fidalgo (novela)	8500
As Filhas da Babilónia	Não, diz a Lei (novela)	8500
Terras do Demo	Pangam—Origem da vida	8500
Augusto Machado—Impossível reconhecer (novela)	Oliveria Martins	15500
Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados)	Helenismo e Civilização Cristã	15500
Bente Faria—Missa nova (teatro em verso)	História da Civilização ibérica	15500
Binet-Sanglès—A loucura de Jesus	História da República Romana (2 volumes)	20500
Buckner—O homem segundo a ciência	História de Portugal (2 vols.)	30500
Charles Darwin—Origem das espécies	Raças Humanas (2 vols.)	30500
Campos Lima	O Brasil e as Colónias Portuguesas	15500
O Estado e a evolução do Direito	Cartas Peninsulares	15500
O Amor e a Vida	Sistema dos mitos e ficções religiosas	15500
Os Pobres	Orlando Marçal	8500
A Revolução em Portugal	Agua clara	1500
Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela)	Imagens de Sonho	1500
Duarte Lopes—Frei Sangué	Os Pescadores	10500
Eça de Queiroz	Os Pobres	10500
O crime do Padre Amaro	O Teatro	8500
O primo Basílio	Spencer—Da Educação (br. 5\$00) enc.	8500
O Mandarim	Sobral de Campos—Dois tiros (novela)	825
Os Maias (2 vols.)	Tolstol—A sonata de Krentzer	4500
A Reliquia	Ana Karenine (3 vols.)	15500
A Cidade e as Serras	Toulouse—Como se deve educar o espírito	4500
Frade Mendes	Wenceslau de Moraes	12550
Casa Ramires	Dai-Nippon	12550
Prosas Bárbaras	Victor Hugo	10500
Ecos de Paris	França e Bélgica	10500
Cartas Familiares	O Reno (2 v.)	15500
Cartas de Inglaterra	Os Miseráveis (2 grossos vols.)	40500
Minas de Salomão	Tradidos, maldernados	40500
Notas Contemporâneas	Zola	12500
Ultimas páginas	A Taberna	5500
Contos	Tereza Raquin	5500
Ernesto Haekel	Alegria de viver (2 vols.)	8500
História da Criação	A conquista de Plassans (2 vols.)	20500
Origem do Homem	Fecundidade	8500
Os enigmas do Universo	A fortuna dos Rougons (2 vols.)	8500
Monismo	Uma página de amor	8500
Religião e evolução	Dr. Pascal	8500
As maravilhas da vida	FOLHETOS	1500
Faguet—Iniciação filosófica	Eisen Reclus—Anarquia e a igreja	350
Iniciação literária	A Evolução legal e a anarquia	350
Faria de Vasconcelos	Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	550
Problemas escolares	José Prat—A burguesia e o proletariado	550
Por terras de além mar	A necessidade da Associação	550
Ferreira de Castro	Content—Contra o confucionismo	350
Sangue Negro	Alfredo Neves Dias—Razão (poema social)	550
Sendas de Lirismo e de Amor	Ernesto da Silva—Teatro livre e Arte Social	350
A Peregrina do Mundo Novo	Landauer—Social Democracia	350
F. Castro e E. Frias—A Bóca da Esquina	R. Moia—O princípio do fim	350
Flamarion	A maçonaria e o proletariado	350
Iniciação astronómica	J. Moia—Peste religiosa	350
Contos de luar	João P. do Rio	350
Como acabar o mundo?	Definições sociais	550
Os habitantes dos outros mundos	Horas anárquicas (versos)	550
Felix le Dantec—As influências ancestrais	Trovas da Noite	1500
Filial de Almeida	Roberto, o pescador	1500
Lisboa Galante	Memórias do Parque de São João do Forte	1500
Estâncias de Arte e Saúde	—Carnet de Pensamento	520
Figuras de destaque	J. Bakunin—O sentido em que se movem os anarquistas	550
Actores e Autores	Chueca—Como não ser anarquista	550
Contos	Lazare—A Liberdade	550
A Esquina	B. Etrivant—A minha defesa	550
Aves Migradoras	J. Kropotkin	550
Barbear, Pentear	Os bastidores da guerra	550
Cidade do Vício	Moral anarquista	550
Pasquinadas	O espírito revolucionário	550
País das Uvas	O estado e o seu papel histórico	1550
Saibam quantos	J. Guedes—Lei dos Salários	550
Vida errante	Briand—A greve geral	550
Vida irónica	Roland—Russia Nova	550
Guerra/Junqueiro—A morte de D. João	—O sindicalismo e os intelectuais	550
Musa em férias	D. Carvalho—A gestão sindical no período revolucionário	550
Os Simples	A Hamon—A crise do socialismo	550
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)	J. Santos—A transformação da sociedade	550
Brochado	Neno Vasco	550
Gorki—Os Degenerados	Georgicas	550
Os Vagabundos	Greve de inquilinos, teatro	1500
Na Prisão	Proletariado Histórico	1500
Ilseu—Espectros	G. Archinof—A Revolução social e o Sindicalismo	550
Casa de bonecas	Carlos Rates—Aditadura do proletariado	1500
Jacquinet—História Universal, 2 v.	Emilio Chapelier—Porque não creio em Deus	1500
Isabel Cortezão—Adão e Eva (teatro)	Rodolfo Rucker—O sindicalismo revoluc. e a organização operária	1500
José Benedit—A ciência redentora (novela)		
Jesus Peloto—O mestre geral (novela)		

conveniente, sob o ponto de vista do interesse bem compreendido da Igreja, da monarquia, da nobreza e da burguesia, deixarmos guilhotinar Luis XVI.

Estas últimas palavras do jesuíta provocaram de novo as imprecacões do conde e do bispo; o marquês, achando a ideia cada vez mais cômica, ria às gargalhadas; Humberto, muito surpreendido, mas tendo curiosidade de ouvir o jesuíta desenvolver o seu pensamento, insistia com ele para que explicasse as razões em que baseava a sua opinião. Restabeleceu-se o silêncio.

Morlet.—Eu sustento e provo que a condenação e a execução de Luis XVI nos dariam preciosas vantagens; eu me explico. Este principe está completamente perdido na opinião, quer como rei absoluto, porque lhe falta a energia para o ser, quer como rei constitucional, porque já tentou vinte vezes estrangular a constituição que tinha jurado manter. Tudo isto é incontestável. Portanto, a morte de Luis XVI livra-nos da triste eventualidade dum rei absoluto sem energia, se prevalecer a monarquia absoluta, ou dum rei constitucional infiel ao seu juramento, se prevalecer a realza constitucional. Além disto, a execução do rei é um golpe mortal para a república: Luis XVI fica sendo um mártir, e a cólera dos soberanos estrangeiros chegará ao último extremo, vindo que lhes atrairá a face a cabeça dum rei, e que chamam todos os povos a revolta! O exterminio da república fica então sendo, para os reis da Europa, uma questão de vida ou de morte; eles têm às suas ordens um milhão de soldados, e tesouros consideráveis, e muito aumentados pelo crédito da Inglaterra: pode-se ter dúvidas sobre o resultado dessa luta? A França, sem exército disciplinado, arruinada, reduzida aos assassinados, enfraquecida pelas facções e pela guerra civil que nós, os padres, havemos de provocar no Oeste e no Meio-Dia, não pode resistir à Europa. Mas para desesperar os reis estrangeiros, para lhes excitar o ódio, é preciso que eles vejam rolar-lhes aos pés a cabeça de Luis XVI!

O conde de Plouernel.—O senhor assusta-me com as suas doutrinas, meu reverendo.

Morlet.—(paternamente).—Ora que crie a sua!... Mas eu concluo as minhas explicações. De duas uma: ou somos bem sucedidos amanhã, ou não o somos. No primeiro caso, Luis XVI fica livre, e dá-se cabo da Convenção. Uns mil homens resolutos podem conseguir isto... Mas depois? Teremos de combater as barricadas, as secções, as tropas vizinhas de Paris, que correrão logo em socorro da capital... Humberto.—Pois combata-se.

O conde de Plouernel.—Mata-se tudo!... Nada de misericórdia para os rebeldes.

O bispo.—Manda-se largar fogo aos arrabaldes, para o que nos servem os bandidos das prisões! Incêndio geral.

O marquês.—E essa adorável rapaziada, vendo arder as casas, só pensa em correr para apagar o fogo. (R.) Excelente ideia!

Morlet.—Que número de burgueses enérgicos lhe parece que tomarão parte na luta, sr. Humberto?

Humberto.—Cinco a seis mil guardas nacionais. Posso apanhar este número.

Morlet.—Suponhamos mesmo que são dez mil. E o conde, em quantos avalia o número dos emigrados que voltaram, dos antigos oficiais e soldados da guarda constitucional de Luis XVI, e, enfim, dos ex-servidores do rei e dos principes, como lacaios, cocheiros e mais criadagem, que formam a sua milícia pronta a entrar na fileira?

O conde de Plouernel.—Pelo menos quatro mil pessoas.

Morlet.—Suponhamos cinco mil, e juntemos-lhes aos dez mil guardas nacionais do sr. Humberto: total, quinze mil homens. Ora, apesar de Paris ter mandado para as fronteiras, de setembro para cá, uns cinqüenta mil voluntários, quantos homens se pode calcular que ainda cá estejam, entre jacobinos dos arrabaldes e das secções, federados, e regimentos republicanos de cavalaria, infantaria, e artilharia?

Humberto.—Há quinze mil homens de todas as

armas, não em Paris, mas a umas doze léguas de distância da capital.

Morlet.—Basta a estas tropas um dia de marcha para chegarem a Paris. E aí temos quinze mil homens de cavalaria, infantaria e artilharia, disciplinados, aguerridos, dedicados à república e à convenção, tropas iguais em número aos quinze mil insurgentes. Avaliemos a população jacobina dos arrabaldes e das secções, os federados, uns trinta mil patifes armados de lanças e espingardas, e tendo também os seus canhões! Se viermos o rei livre, os convencionais exterminados, achamo-nos ainda assim em face dum exército, regular ou irregular, de quarenta e cinco mil scelerados destemidos, ao passo que teremos por nós quinze mil homens sem artilharia e quasi sem munições!...

Humberto.—E' marchar para a frente, sem contar os inimigos!

O conde de Plouernel.—Temos por auxiliares os exercitos estrangeiros, e a guerra civil ateadada no Oeste e no Meio-Dia.

Morlet.—Não nos afastemos do assunto... Trata-se duma coisa ou se há de fazer amanhã em Paris, duma luta que há-de durar só um dia...

O bispo.—Se fomos vencidos em Paris, retiramo-nos para as provincias revoltadas! Novo alimento para a guerra civil.

Morlet.—Parece que lhe pesa muito a mitra na cabeça, sr. bispo. Retiramo-nos, diz Vossa Excelência... Mas se a insurreição for vencida, quantos poderão escapar das mãos dos que tiverem tomado parte na luta? Todos ou quasi todos serão mortos no combate ou guilhotinados depois.

O conde de Plouernel.—Seremos vingados pelos nossos amigos estrangeiros, que incendiarão Paris!

Morlet.—Embora tenha sido libertado, será outra vez preso, se for vencida a insurreição, e não escapa a morte!

O conde de Plouernel.—Nesse caso, vingalo-hemos com a guerra civil e com a guerra estrangeira.

Morlet.—(paternamente).—Ora que crie a sua!... Mas eu concluo as minhas explicações. De duas uma: ou somos bem sucedidos amanhã, ou não o somos. No primeiro caso, Luis XVI fica livre, e dá-se cabo da Convenção. Uns mil homens resolutos podem conseguir isto... Mas depois? Teremos de combater as barricadas, as secções, as tropas vizinhas de Paris, que correrão logo em socorro da capital... Humberto.—Pois combata-se.

O conde de Plouernel.—Mata-se tudo!... Nada de misericórdia para os rebeldes.

O bispo.—Manda-se largar fogo aos arrabaldes, para o que nos servem os bandidos das prisões! Incêndio geral.

O marquês.—E essa adorável rapaziada, vendo arder as casas, só pensa em correr para apagar o fogo. (R.) Excelente ideia!

Morlet.—Que número de burgueses enérgicos lhe parece que tomarão parte na luta, sr. Humberto?

Humberto.—Cinco a seis mil guardas nacionais. Posso apanhar este número.

Morlet.—Suponhamos mesmo que são dez mil. E o conde, em quantos avalia o número dos emigrados que voltaram, dos antigos oficiais e soldados da guarda constitucional de Luis XVI, e, enfim, dos ex-servidores do rei e dos principes, como lacaios, cocheiros e mais criadagem, que formam a sua milícia pronta a entrar na fileira?

O conde de Plouernel.—Pelo menos quatro mil pessoas.

Morlet.—Suponhamos cinco mil, e juntemos-lhes aos dez mil guardas nacionais do sr. Humberto: total, quinze mil homens. Ora, apesar de Paris ter mandado para as fronteiras, de setembro para cá, uns cinqüenta mil voluntários, quantos homens se pode calcular que ainda cá estejam, entre jacobinos dos arrabaldes e das secções, federados, e regimentos republicanos de cavalaria, infantaria, e artilharia?

Humberto.—Há quinze mil homens de todas as





A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

COMENTÁRIOS

## A grande loucura do ocidente

Um manifesto da alta banca e da grande indústria (de transformação) da Europa e da América, não há um mês, focou a jorras a falência da política seguida após a guerra. Como seria de esperar, o manifesto foi acolhido com frieza, porque veio chocar com as opiniões recebidas e admitidas em todos os meios conservadores e reaccionários, os quais, sem oposição séria, governam inteiramente o mundo ocidental. Tão frio acolhimento deu mesmo lugar ao silêncio de câmara ardente. E o manifesto desapareceu da cena mundial.

Contudo, os males económicos apontados no manifesto não desapareceram, antes se agravaram, pois, cada dia de retardamento na aplicação do remédio eficaz que era aconselhado tende a ampliar o mal de que sofrem as populações.

Os acontecimentos continuam-se numa lógica impecável que o capricho e a vontade dos homens — sejam eles autocratas à maneira de Baldwin, Poincaré ou Mussolini — não podem quebrar ou modificar. A lógica desses acontecimentos facilmente surpreende quem se dê ao trabalho de observar a evolução humana, não no lapso de alguns anos, mas no lapso de dezenas de anos.

Evidentemente, a evolução humana tem uma tendência a incutir nos homens, cada vez, mais liberdade, mais igualdade social, política, económica, maior homogeneidade das nações e dos aglomerados humanos — a uniformizar a civilização em toda a terra. Toda a acção que pretenda contrariar a evolução, fatalmente, sofre um fracasso mediato ou imediato, mas não deixa de infligir consequências nocivas para a humanidade, menos do que aos ideais dos que agiram.

Todavia, este antagonismo de nações, de grupos económicos, mostra disposições a inibir a evolução humana. E, por consequência, todo o artifício da estreita política nacionalista e das lutas económicas entre os *clans* produtores vai contra os seus interesses efectivos, semeando o ódio, a guerra e a ruína. Semeador, há-de colher, porque, na nossa época, os acontecimentos e suas repercussões são vertiginosos, se bem que pareçam muito lentos àqueles que tiveram uma previsão remota.

Em todo o ocidente europeu e americano os governantes e os dirigentes estão cegos e estão surdos. Não vêem nem compreendem. Em vez de elucidar as multidões que dizem orientar, eles esvoaçam entre as nuvens da ilusão, por mercê de uma imprensa que exprime somente o que convém aos dominadores, visto que para isso a subsidiam.

Não serão cegos e surdos os que não vêem nem, presentemente, a ruína que o *lock-out* dos mineiros ingleses precipita na Grã-Bretanha? Por capricho dos milionários senhores das minas, este *lock-out* transmutou-se numa greve, em toda a imprensa mundial. E, com uma tenacidade notável e uma habilidade não menos notável, por parte dos proprietários e do governo conservador, esta fúria de greve persiste, após sete meses. A greve não terminou ainda, nem terminará, provavelmente, antes de um mês decorrido.

E qual o resultado da greve? O prejuízo mínimo de um milhão de libras esterlinas. Mais do que o valor total das minas de carvão inglesas! O triplo do que custaria um subsídio aos mineiros durante trinta anos!

E quais são outros resultados dessa luta homérica? Um ódio de classe agravado a tal ponto que difícil se torna fixar, um enfraquecimento de toda a indústria e de todo o comércio de Inglaterra. Em verdade, não houve loucura incurável nos dirigentes capitalistas?

Não são cegos e surdos os que teimam dirigir o povo italiano com os métodos do fascismo?

E além-Atlântico, nas Américas, não são cegos e surdos os que persistem no encerramento de fronteiras aos homens e aos produtos das indústrias humanas; negando-se ao restabelecimento de relações com as repúblicas soviéticas; pretendendo a hegemonia sobre o México e as outras repúblicas da América central; recusando-se a reconhecer que as dívidas europeias são insolúveis?

E de tudo isso qual é o resultado? A formação de um império onde a vida tem um custo exorbitante, se bem sendo reduzidíssimas as contribuições, como os impostos! Este império, que pretende viver entregue a si mesmo, unicamente, a si mesmo, começa a abrir fenda por todos os lados.

Uma crise industrial inicia-se. No interior, o consumo detém-se, porque os mercados estão super-fornecidos e o poder de aquisição dos salários chegou ao limite. No exterior, o preço de revenda dos produtos fabricados é tão elevado que torna fácil a concorrência das indústrias europeias. A grandeza económica da América apoia-se na indústria e na agricultura. Pode afirmar-se que ela está na iminência de uma crise aguda, graças à política proteccionista e de isolamento. E isso não se torna, em verdade, uma grande loucura?

Em França? Não são cegos e surdos os que manobram uma política económica e financeira como a do governo Poincaré? Tudo segue normalmente, com rapidez, mas, em todo o caso, seguramente, caminha-se para uma crise económico-social muito intensa que, dentro de poucos meses, poderá redundar em cataclismo financeiro.

O destino do franco está nas mãos dos financeiros e não nas do governo. O custo da vida eleva-se, e elevar-se há muito mais, porque está àqueles das divisas-ouro mundiais.

E a política francesa? Guerra em Marrocos e na Síria. Centenas de milhares de homens em armas. Arsenais repletos de instrumentos mortíferos. Pautas proteccionistas que se elevam por simples decretos, etc., etc. Não será isto loucura total?

E a loucura governa em todo o ocidente.

### ASSINEM Os mistérios do Povo

#### Manuais de ofícios

Galvanoplastia.....	18\$00
Motores de explosão.....	28\$00
Navegante.....	18\$00
Cimento armado.....	25\$00

desde o Dniester e o Vístula ao Oceano Atlântico, desde o Báltico ao Mediterrâneo. De todas as potências europeias, a Rússia é a única a furta-se a esta loucura. Por isso, as potências procuram exterminá-la. O esforço das potências torna-se, porém, inútil, porque a Rússia gira no sentido da evolução humana. Mas a ansia de extermínio leva os dirigentes das potências europeias às maiores loucuras no Próximo Oriente e no Extremo Oriente.

O povo chinês está na gestação de uma sociedade nova. Os "amarelos" estão efectuando uma revolução formidável, mais vasta que todas as revoluções europeias. E em vez de se prover a formação desse novo mundo, facilitando-se os fins de uma soberba revolução que se inspira na igualdade e na liberdade, os governos ocidentais preocupam-se em lhe criar obstáculos, encarniçam-se em preparar um fracasso.

Esforço baldado, extremamente inútil, porque o inelutável resiste sempre e vence. Mas o esforço inútil pode espalhar por toda a humanidade milhões de mortos, milhões de prejuízos.

E qual o resultado? Inundar com alguns milhões mais os cofres desses capitalistas que são, afinal, os únicos e reais dirigentes do mundo ocidental. Rathenau disse uma grande verdade: — *Trezentos homens governam secretamente o mundo inteiro!*

Em verdade, não será isto a maior das loucuras? Até quando serão os homens governados por loucos caixeiros de vampiros?

Augustus Hammon

## Foi entregue ao ministro das Finanças uma reclamação contra a contribuição industrial dos empregados no comércio

A Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio (zona sul) entregou ao ministro das Finanças uma extensa e bem elaborada representação reclamando a isenção da contribuição industrial que iniquamente pesa sobre os empregados no comércio.

Dessa representação passamos a reproduzir as seguintes elucidativas passagens:

"O empregado no comércio, o operário agrícola, mercê de causas de vária ordem, às quais não são estranhas a inobservância do horário de trabalho e da lei do descanso semanal, o aumento sempre progressivo do custo da vida e do preço do salário que sofre, se não se lhe acudir a tempo, providenciando com lucidez, sepultar-se-á, permita-se a parafraze, no miserável *sweating-system*, o que além de ser desumano, será inacreditável em pleno século XX.

Não é uma afirmação gratuita aquela que acaba de fazer-se. E, de facto, o tão decantado direito, prescrito no código civil concedido aos empregados no comércio e operários, de estipular livremente as condições de prestação de serviços, resulta, em última análise, um direito ilusório, uma autêntica aberração jurídica.

Onde existe, em verdade, a igualdade e liberdade do empregado ou operário perante o patrão, quando este, dispondo de capital, se encontra em manifesta superioridade relativamente àqueles?

Onde está, assim, a independência do empregado ou operário, se a liberdade do trabalho conduz, invariavelmente, à violação da liberdade individual?

Eis porque não nos surpreendemos de cair no *sweating-system*, atendendo a que a condição já hoje miserável do empregado no comércio, sobre todos, constitui seguro indicio da trajetória descrita.

E como não bastasse já o trabalho intenso, exaustivo, realizado pelo empregado no comércio, a fim de satisfazer as exigências, por vezes cruéis, do patronato, — até o próprio Estado, revoltantemente, continua a extorquir à manifesta miséria daqueles a *contribuição industrial*, atento o minguado limite de isenção fixado no art. 11.º da lei n.º 1368.

Mas, de passo que assim acontece relativamente a estes trabalhadores, inteiramente ficados libertos de qualquer bonus a favor do Estado todos os operários. Nenhum embargo levantamos a este facto, porque em absoluto o aceitamos. Tão só assinalando-o, trazemos a maior relevância a injusta situação criada a quantos como empregados labutam no comércio, na agricultura e na indústria.

Na realidade se o ganho do operário não é desafago ainda das mais simples dificuldades da vida, esse ganho excede todavia, de um modo geral, os proventos dos empregados em referência. Assim a média da remuneração mensal por estes últimos obtida não excede 250\$00 escudos, ou seja uma cifra índice de amargurada penúria.

Manter tratamento diverso para eles, responderia a insistir numa iniquidade que não estava no propósito do ministro autor da proposta tributária, nem no pensamento das Câmaras que a mesma proposta sancionaram.

Se a Lei, isentando os operários, visou a salvar do imposto quem tinha um consumo próprio igual à sua produção, a própria Lei não deveria deixar de aplicar idêntica isenção àqueles em cuja existência concorrem iguais condições.

### 1.º de Dezembro

Um grupo de indivíduos resolveu comemorar a restauração da independência de Portugal com um banquete que se realizará hoje, pelas 18 horas, no conhecido restaurante "Ferro de Engomar", em Bemfica, e para o qual se encontra aberta a inscrição até às 12 horas, no mesmo estabelecimento.

### Quem perdeu?

Encontra-se no nosso jornal, à disposição de quem provar pertencer-lhe, uma chave de "capon" do motor de automóvel que foi achada na via pública por um camarada nosso.

## Perspectiva de um futuro que pode ser breve realidade

Não vou falar agora do modo como pode ser combatida e abatida a tirania que oprime actualmente o povo italiano. Neste trabalho proponho-me simplesmente a uma obra de clarificação de ideias e de preparação moral, na perspectiva dum futuro próximo ou longínquo, porque não me é possível fazer outra coisa. De resto, ainda mesmo que eu julgasse chegado o momento para uma acção mais efectiva, falaria disso... ou menos possivelmente.

Assim, ocupar-me-ei somente, e duma forma hipotética, do dia seguinte ao dia dum insurreição vitoriosa e dos métodos de violência que algumas criaturas desejariam adoptar para "fazer justiça", e que outras julgam necessários para defender a Revolução contra as ciladas dos inimigos dela.

Ponhamos de lado a "justiça", porque é uma concepção muito relativa, que serviu sempre de pretexto para todas as opressões e para todas as injustiças e que, muitas vezes, não significa senão vingança. O ódio e o desejo de vingança são sentimentos indomáveis que a opressão, naturalmente, desperta e alimenta. E se esses sentimentos podem representar uma força útil para saírem do jugo, transformam-se numa força negativa quando se trata de substituir a opressão, não por uma nova opressão, mas pela liberdade e pela fraternidade entre os homens. Eis porque nós devemos esforçar no desenvolvimento destes sentimentos superiores que impellem as energias para o amor fervente do bem, embora nunca defendamos nem esmaguemos o impulso dos factores bons ou maus, tão necessário para vencer. Deixemos agir a massa como a paixão a impeli-la, e, para melhor a conduzir, for preciso meter-lhe um freio que se traduzirá por uma nova tirania — lembremo-nos sempre que nós, anarquistas, não podemos ser vingadores nem "justiceiros". Queremos ser libertadores; e, como tais, assim devemos exercer a nossa acção pela palavra e pelo exemplo.

Ocupemo-nos, pois, da questão mais importante, isto é, a única coisa séria posta na ordem do dia pelos meus críticos: a defesa da Revolução.

Há ainda inúmeros camaradas que, estão fascinados pela ideia do "terror". Afiguram-se-lhes que guilhotinas, fusilamentos, massacres, deportações, gáies, (força e gáies, me dizia recentemente um dos mais notáveis comunistas) constituem armas poderosas e indispensáveis à Revolução. E, para melhor firmarem o seu pensamento, acrescentam que se tantas Revoluções têm sido derrotadas ou não têm dado os resultados que se esperavam, isso tem sido devido à bondade, à "fraqueza" dos revolucionários que não perseguiram, não reprimiram e não massacraram suficientemente.

Ora isto é um preconceito corrente em certos meios revolucionários, preconceito que tem a sua origem na retórica e nas falsificações históricas dos apologistas da Grande Revolução e que tem sido reforçado, nestes últimos anos, pela propaganda bolchevista. Mas a verdade é muito outra: o terror foi sempre um instrumento de tirania. Na França, o terror serviu a cega tirania de Robespierre e preparou o caminho a Napoleão — e a reacção que se lhe seguiu Na Rússia, a tirania tem perseguido e matado anarquistas e socialistas, massacrado operários e camponeses rebeldes — esmagado, em suma, o entusiasmo dum revolução que podia verdadeiramente abrir à civilização uma era nova.

Aqueles que acreditam na eficácia revolucionária, libertadora, saída da repressão e da ferocidade, têm a mesma mentalidade

Errico MALATESTA

## Carestia da vida e crise de trabalho

### Realiza-se hoje uma sessão de protesto

Promovida pelo conselho de secções do Sindicato U. da Construção Civil realiza-se hoje, no Sindicato dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, estrada dos Prazeres, 5, 1.ª, uma sessão da série das que aquele organismo resolveu efectivar em toda a cidade a fim de serem tratados os seguintes assuntos de capital importância para o operariado: crise de trabalho, horário de trabalho e carestia da vida.

Convocatório desta reunião foi distribuído um manifesto de que transcrevemos os seguintes trechos:

"E" já tempo do operariado da Construção Civil dedicar mais um pouco da sua atenção para a desgraçada situação económica que vem atravessando, tanto mais quanto é certo a vida para os trabalhadores ter-se tornado ultimamente um verdadeiro martírio. Os géneros de primeira necessidade sobem constantemente de preço, de uma maneira verdadeiramente especulativa, tornando-se indispensável da nossa parte uma acção mais enérgica e decisiva tendente a não permitir que continue a desenfreada e egoísta ganância daqueles que sem a menor parcela de sentimentos humanos não têm dúvida em enriquecer à sombra da miséria alheia.

A crise de trabalho com que há muito nos vimos debatendo, e a falta de respeito pelo horário de trabalho aliado ao encarecimento constante dos géneros e de tudo o mais que é absolutamente indispensável à existência humana, constituem certamente motivos demasiadamente fortes para fazer despertar o operariado da Construção Civil do indiferentismo ineficaz em que de algum tempo a esta parte tem permanecido. E que, a continuarmos vivendo nesta situação, sem que aleguemos o operariado por intermédio dos seus sindicatos se antepõe à marcha devoradora da ganância mercantilista, certamente que no período invernal que atravessamos, chegaremos ao auge do desespero por não conseguirmos sequer uma negra cêdea de pão para mitigarmos a fome aos nossos inocentes filhinhos.

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

retrograda dos *juristas* que creem poder evitar o delito e moralizar o mundo por meio de penas severas.

Como a guerra, o terror desperta os selváticos sentimentos atávicos ainda mal cobertos por um verniz de civilização, fazendo aparecer nas primeiras filas os piores elementos da população. E assim, o terror, em vez de defender a revolução, serve mais para a descreditar, para a tornar odiosa aos olhos da massa; e, após um período de lutas ferozes conduz necessariamente ao que se chama hoje a "normalização", isto é, à legalização e perpetuação da tirania. Quer a vitória pertença a um ou a outro lado, desde que se chegue à constituição de um governo, esse governo assegurará a uns a paz em detrimento da liberdade, e a outros o domínio sem muitos perigos.

Eu sei que os anarquistas terroristas — os raros desta espécie — repelem todo o terror organizado, exercido sob os ordens dum governo, por meio de agentes oficiais, e desejariam que fosse a massa que levasse à morte os seus inimigos. Mas isso não fará senão piorar a situação. O terror pode agradar aos fanáticos; mas convém, sobretudo, aos verdadeiros malfetores, ávidos de dinheiro e de sangue. E não é preciso idealizar a massa, figurando-a composta inteiramente de homens simples que podem, muito bem, cometer excessos, mas que são sempre animados de boas intenções. Os esbirros e os fascistas servem os burgueses; e, no entanto, eles saíram e saem do seio das massas!

O fascismo acolheu inúmeros delinquentes; e, desta forma, purificou, preventivamente, até um certo ponto o meio no qual se desenrolou a revolução. Mas não devemos acreditar que todos os Duminí e todos os Cesário Rossi sejam fascistas. Há entre eles quem, por uma razão qualquer, não tem querido ou não tem podido transformar em fascistas indivíduos dispostos a fazer em nome da "revolução", o que os fascistas fazem em nome da "pátria". E, por outro lado, assim como os piratas, sustentáculos de todos os regimes, estão sempre dispostos a colocar-se ao serviço dos novos regimes, tornando-se nos seus mais zelosos instrumentos, assim, os fascistas de hoje se apressarão, amanhã, a declarar-se anarquistas ou comunistas, ou tudo o que quiserem, desde que possam continuar a fazer de tiranos e a sajar os seus instintos malfetores. E se eles não o puderem fazer nos seus próprios países porque são muito conhecidos e estão muito comprometidos, o que é certo é que farão coisa comum com os "revolucionários", procurando chegar ao escopo, mostrando-se mais violentos e mais enérgicos do que os outros e tratando de moderados, de covardes, de "bombistas", de contra-revolucionários, aqueles que concebem a revolução como uma grande obra de bondade e de amor.

Certamente que é preciso defender e desenvolver a revolução com uma lógica inexorável; mas não se deve e não se pode defendê-la por meios que contradizem os seus fins.

O grande meio de defesa da revolução reside sempre no facto de arrebatrar aos burgueses os meios económicos e arrastar todos os homens — enquanto não se puder persuadi-los a quebrar as armas como joias inúteis e perigosas — bem como interessar na vitória toda a grande massa da população.

Se, para vencer, fosse preciso erguer a guilhotina nas praças públicas, com franqueza, eu preferiria ser vencido.

Errico MALATESTA

## O Congresso das Escolas e Bibliotecas Sociais

### efectua-se no corrente mês

A comissão administrativa da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais pede-nos a publicação da seguinte nota:

"Dada a impossibilidade que houve em se realizar no dia 13 de Outubro o congresso desta Federação, pois razões imperiosíssimas a isso o forçaram, pensou a comissão organizadora que o mês de Dezembro seria o mais próprio para a sua realização por razões que oportunamente serão dadas. Assim, marcou-se o dia 18 de Dezembro, o que vo-lo comunicamos, esperando de todos os organismos aderentes o máximo de esforço no sentido de que o congresso não deslustre as conferências dos nossos amigos e professores srs. Tomaz da Fonseca e Viana de Lemos que tão devotadamente nos coadjuvam.

Sobre qualquer tese a apresentar ou esclarecimento, dirigir à sede da Federação, rua Saraiva de Carvalho, 5, 3.º — Pórtio, a Mário Ferreira, secretário adjunto.

## Câmara Municipal de Lisboa

### O contrato das águas

Tendo já a maioria das Juntas dado o seu referendo favorável à resolução da Comissão Administrativa do Município remittendo o contrato celebrado entre o Estado e a Companhia das Águas, ao abrigo da condição 17.ª do mesmo contrato, o advogado sindicado da Câmara vai imediatamente fazer a devida intimação à referida Companhia.

— Os donos de carros de mão estiveram ontem nos Paços do Concelho pedindo para ser revogada a postura ultimamente aprovada e pela qual os carros de mão não podem transportar mais de 100 quilogramas de mercadorias. Pediram para os carros poderem transportar até 200 quilos.

— Na próxima sessão é já votada a expropriação das propriedades que se necessitam demolir para a execução do projecto aprovado do prolongamento da Avenida Almirante Reis.

— Segundo nos consta já foi assinada a portaria nomeando a Comissão encarregada da avaliação e entrega à Câmara do Bairro Social do Arco do Cego.

## VIDA SINDICAL

### Reunião de Federações

A convite do secretariado da Federação do Livro, do Jornal e Similares, e em conformidade com resoluções do seu Conselho Federal, vai realizar-se uma reunião conjunta das Federações dos Operários da Indústria Metalúrgica em Portugal e dos Operários da Indústria do Mobiliário em Portugal e seus delegados ao conselho confederal da C. O. T., para resolverem a atitude a tomar e a melhor forma de actuar em virtude da sua posição dentro do conselho confederal ser igual.

### C. G. T.

#### Conselho Jurídico

Reúnem-se, hoje pelas 21 horas, os membros do anterior Conselho Jurídico com os nomeados ultimamente.

### C. S. T.

#### Comissão Administrativa

A reunião convocada para hoje realiza-se amanhã, às 21 horas, por motivos de força maior.

— O camarada Silva Campos deve representar a C. S. T. na sessão que hoje se realiza, na Associação dos Cabouqueiros, às 21 horas.

### Comunicações

**Federação de Calçado, Couros e Peles — Conselho Federal.** — Reuniu-se no pretérito dia 25, estando representados organismos de Faro, Lisboa, Évora, Pórtio, Braga, Póvoa de Varzim, Beja e Penafiel.

No expediente apreciaram-se os ofícios dos Sindicatos Unidos do Pórtio e Braga, este tratando de assunto referente à sua delegação no Conselho federal, deliberando-se esclarecer aquele organismo sobre o assunto, visto se manterem as suas delegações, e daquele comunicando ter-se constituído o comité de propaganda federal no norte formado pelos camaradas: Júlio de Campos, Francisco Gonçalves, João Narciso, Timóteo de Carvalho, António da Fonseca Alves e Manuel Ferreira da Silva, com cuja indicação o conselho concordou. Considerando-se por este facto o comité constituído, deliberou-se desde já auxiliar materialmente aquele comité para a propaganda que entenda conveniente realizar nas localidades próximas, ficando a acção geral daquele comité pendente do estudo a elaborar pela comissão nomeada na última reunião do conselho.

Seguidamente os delegados ao Conselho Confederal expõem que, em resultado de serem aceites os delegados da Federação da U. S. O. de Évora e Mineiros de S. Domingos, declararam retirar-se do Conselho os delegados das Federações do J. e do J. Metalúrgica e do Mobiliário, cujo assunto é amplamente apreciado, aceitando por boas, as resoluções tomadas pela comissão administrativa, ficando o que é aprovada a seguinte moção apresentada pelos delegados Manufatureiros de Lisboa:

"O Conselho Federal da F. C. e P. e P., apreciando a saída dos delegados das Federações do Livro e do Jornal, Metalúrgica e do Mobiliário da C. G. T. por virtude de pelo Conselho Confederal terem sido aceites um dos delegados desta Federação e outros representantes de outros organismos sobre os quais houve também oposição, resolve:

1.º Declarar que por parte desta Federação não houve o menor desejo de ferir susceptibilidades de outros organismos, porquanto, não tendo aceite a resolução colectiva das Federações sobre os assuntos internos da C. G. T., por se sobrepor aos Sindicatos, tão pouco poderia substituir qualquer dos seus delegados, desde que reconhece, e ninguém contesta, que sempre estiveram colocados dentro das bases morais da C. G. T., defendendo unicamente o prestígio da mesma e exigindo — como lhe cumpria — o respeito pela sua orientação básica.

2.º Constata que sobre outros delegados, que de novo, embora representando outros organismos, voltaram a não se produziram qual movimento de oposição, podendo considerar-se este facto como querendo significar que não havia o desejo de manter rigorosamente uma resolução que, de algum modo, não pode ser integralmente respeitada e isto para se atender só às máximas necessidades da Organização.

3.º Exactamente dentro deste elevado critério é que esta Federação manteve a resolução tomada e resolve lembrar a conveniência de se abaterem quaisquer ressentimentos contra militantes sobre os quais não se prove ter produzido uma acção moralmente prejudicial à Organização ou à sua orientação básica.

4.º Tornar pública esta moção e enviar cópia da mesma ao Conselho Confederal da C. G. T.

**Federação Mobiliária.** — Reuniu a comissão administrativa que se ocupou largamente da atitude tomada pelos seus delegados ao Conselho Confederal, resolvendo submeter o assunto a uma próxima reunião do Conselho Federal.

Resolveu aquiescer ao convite da Federação do Livro e do Jornal assistindo à reunião que ela promove amanhã.

**Sindicato Único Mobiliário.** — Este organismo convida a vir hoje pelas 20 horas à sede um componente do Grupo Dramático Solidariedade Proletária para entrega do dinheiro pró-presos por questões sociais.

**S. U. Metalúrgico.** — Em virtude de não ter reunido ontem a assembleia geral por falta de número foi resolvido convocá-la, para a próxima sexta-feira, com a mesma ordem de trabalhos.

**Manufatureiros de Calçado.** — Reuniu a assembleia geral no passado sábado, para resolver sobre duas moções apresentadas pelo ex-sindicado Alfredo Monteiro. Como estes documentos não tivessem quem os perfolhasse a assembleia deliberou que eles fossem arquivados. Aprecia-se a seguir uma circular da Câmara Sindical, sendo nomeados para delegados os camaradas que representaram este organismo no Congresso local.

Seguidamente apreciou-se a circular do Comité Pró-Presos relativa à conferência a realizar para a constituição do Comité Nacional Pró-Presos, com cujos trabalhos a assembleia se manifesta de acordo, aprovando a seguinte moção:

"Considerando que a luta social dos trabalhadores, contra o privilégio capitalista e opressão do Estado centralista e autoritário, acarreta umas vezes a prisão e outras o refúgio dos que mais se distinguem nessa luta; que não raras são as vezes que os atingidos por iníquas perseguições policiais se vêem a braços com a mais crua situação de abandono; que é dum altíssimo e indeclinável dever moral, auxiliar devidamente esses camaradas proporcionando-lhes condições económicas que de algum modo lhes vão aliviar as agruras que já pelas suas condições de presos ou perseguidos lhes são naturalmente inerentes; que a recente suspensão do subsídio confederal, mais irá agravar a questão da Solidariedade já bastante deficiente;

Os Manufatureiros de Calçado, reunidos em assembleia geral, ao apreciarem a circular-questionário do Comité Pró-Presos, deliberam:

1.º Concordar com a ideia das Conferências regionais do Pórtio, Faro e Lisboa, dando a sua adesão a esta última;

2.º Nomear três delegados a essa Conferência, com plenos poderes para colaborar na fundação dum organismo de Solidariedade, em concordância com a opinião expressa na circular do citado Comité;

3.º Por como condição básica na constituição desse organismo que seja moldado em verdadeiras e insofismáveis características revolucionárias e anti-políticas, única garantia da distribuição, sem intuídos reservados, de solidariedade aos presos e perseguidos;

4.º Concordar dum modo geral com a ordem de trabalhos que consta do questionário da supracitada circular."

A seguir é lido o relatório do delegado da Federação de Indústria à C. G. T., trocando-se explicações entre vários camaradas e ficando o mesmo para continuar a ser discutido numa nova assembleia. Em vista do adiantado da hora foi encerrada a sessão.

### Convocações

#### REUNEM HOJE:

**Sindicato Único da Construção Civil.** — Conselho Técnico. — Pelas 21 horas, o conselho de delegados.

**Secção do Alto do Pina.** — Convidam-se a comparecer hoje, às 21 horas, as comissões administrativas das secções dos Manufatureiros de Calçado e Metalúrgicos, a fim de ser apreciado um assunto que diz respeito às duas secções.

**Federação dos Operários da Alimentação.** — A comissão executiva, pelas 21 horas, para tratar de um assunto de bastante gravidade para a Federação.

**Manufatureiros de Pão.** — A comissão administrativa, pelas 15 horas, para assuntos de resolução inadiável.

#### DIAS PRÓXIMOS

**Compositores Tipográficos.** — A assembleia geral extraordinária amanhã pelas 17,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão e votação do relatório dos delegados ao Congresso dos Sindicatos Operários de Lisboa; 2.º — Apreciação da carta do colega António Correia Lemos; 3.º — Nomeação de delegados ao Tribunal Arbitral Avindores e ao Tribunal dos Acidentes de Trabalho; 4.º — Assuntos colectivos.

### Sindicatos da província

**União dos Empregados do Comércio do Pórtio.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para eleição da comissão administrativa e nomeação de delegados à C. S. T. e Federação dos Empregados no Comércio.

**União dos Sindicatos Operários de Faro.** — Reuniu o conselho de delegados com as comissões administrativas dos Sindicatos aderentes, resolvendo nomear delegado ao Conselho Confederal em substituição de João Umberto Matias, por motivo de se encontrar em Faro, Emídio Santana.

Tendo sido apreciados os factos passados nas sessões do Conselho Confederal, depois de vários delegados se pronunciarem foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Extranha que na 1.ª reunião do Conselho Confederal, este se tivesse manifestado por maioria contra a recondução dos delegados da Federação de Calçado, Couros e Peles, Mineiros de São Domingos e U. S. O. de Évora, pois que, segundo o que foi publicado por *A Batalha* e comunicado pela comissão administrativa da C. G. T., não se depreendem factos, com relação aos referidos camaradas, que fossem necessários um escrupuloso tão excessivo;

2.º Reprovar a moção do delegado da Federação do Livro e do Jornal ao C. C. e para que os delegados desta União ao referido Conselho, procurem que com a possível brevidade seja nomeada uma comissão de inquérito aos últimos acontecimentos que motivou a dissolução do anterior Conselho Confederal, e que dos resultados desta comissão seja dado conhecimento a todos os organismos confederados, antes do C. C. se pronunciar;

3.º Contribuir para que se facilite a Unidade Sindical, mas tendo sempre em consideração as resoluções tomadas nos anteriores congressos operários